

A AUTONOMIA COMO CATEGORIA IRRECUSÁVEL PARA A DOCÊNCIA

MARINA ANTUNES RODRIGUES¹; CRISTINA MARIA ROSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – antunesmarina415@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No trabalho trato dos *saberes necessários à prática educativa*, explicitados na obra *Pedagogia da Autonomia*, publicada por Paulo Freire em 1996. O foco do texto do autor é responder à pergunta “O que é docência?”. Em especial, o que compreende como docência progressista e democrática. Organizada em três capítulos – *Não há docência sem discência*; *Ensinar não é transferir conhecimento* e *Ensinar é uma especificidade humana* –, neles Freire escreve sobre diferentes, relacionados e imbricados movimentos de relação de docentes e discentes com o mundo material em seus processos educativos. Como importante, menciona a relação tênue entre liberdade e autoridade na construção da autonomia dos agentes que compõem as práticas educativas.

2. METODOLOGIA

Proposta no âmbito da disciplina Teoria e Prática Pedagógica – obrigatória no primeiro semestre da Licenciatura em Ciências Sociais – a leitura e elaboração de uma resenha sobre um dos livros que compõem o referencial bibliográfico do componente curricular como parte dos processos avaliativos referentes ao semestre foi o início desse trabalho de pesquisa. Dentre as possibilidades, o escolhido por mim foi *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, elaborado por Paulo Freire e publicado em 1996. Após a escolha do livro, o próximo passo foi localizá-lo na Biblioteca do CCSH, onde, após alguns minutos, foi encontrado na seção “Educação”, em uma edição especial da Paz e Terra. Nele, o indicativo de ser um dos exemplares de uma tiragem de um milhão. Retirado e semanalmente renovado, a leitura foi acompanhada de fichamentos e anotações, para posterior escrita da resenha. Apresentada na disciplina, o convite para publicizar a pesquisa foi aceito e nova escrita surge: agora, um resumo para o CEG/SIIPE/UFPEl 2023.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ler, reler, fichar e anotar Paulo Freire para dois momentos acadêmicos diferentes – a resenha e o presente resumo – me permitiu compreender que a docência é uma profissão que depende de saberes específicos. Penso que esta é uma afirmação importantíssima ainda hoje, assim como foi no século passado. Se, quando Freire escreveu pensava na relação entre uma concepção bancária da educação – onde o educador apenas deposita conhecimentos em “caixas vazias”, que são os educandos – e uma educação libertadora – onde os educandos são sujeitos dos processos educativos e constroem, coletivamente, os saberes – hoje torno essa discussão atual ao pensar nas Ciências Sociais, por exemplo, e seu espaço no Novo Ensino Médio, onde o artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases considera profissionais da educação aqueles com “notório

saber”. Para o autor, uma ampla base de conhecimentos acerca dos assuntos pertinentes à disciplina a ser lecionada é uma exigência intrínseca à docência, mas não é, de forma alguma, o bastante. E, ao pensar não mais na resenha, mas neste trabalho, surgiu-me a ousadia de trazer estas reflexões também para o espaço da Universidade: qual o percentual de licenciados no corpo docente da Universidade Federal de Pelotas? Quem, além disso, tem formação em Educação ou áreas afins?

Foi possível apreender, no primeiro capítulo do livro – Não há docência sem discência – os conceitos de “curiosidade”. Segundo o autor, são duas: a curiosidade ingênua e a epistemológica. Ambas têm a mesma essência, o interesse, o desejo de compreensão e apreensão da realidade. A primeira é relacionada até mesmo com a intuição, com aquilo que assumimos ao observar o mundo ou aquilo que é propagado e aceito socialmente, está, de fato, ligada ao senso comum. Já a segunda, é o resultado da aplicação de metodologia à primeira, quando ela torna-se crítica e científica. Destes conceitos o autor parte para a reflexão sobre a necessidade de manter acesas constantemente estas curiosidades, respeitando-as acima de tudo, pois instigam a pesquisa, a criação de novas metodologias, bem como a construção de novos ambientes para a construção do aprendizado. Descobri que a curiosidade funciona como uma força motriz em processos educativos.

O aprofundamento do meu entendimento da história como *tempo de possibilidades*, agora em uma perspectiva freiriana é, talvez um dos maiores conhecimentos que adquiro com esta atividade. Aqui compreende-se por completo a necessidade desta visão esperançosa e em movimento do que é a educação para que a prática docente faça sentido. O autor reflete sobre como as condições materiais da vida humana, como raça, classe social, acesso à alimentação, saneamento básico, vestimentas, mesas e cadeiras que têm acesso, condicionam as atividades educativas e portanto, precisam fazer parte das reflexões e das ações acerca da educação. Nesse sentido, o autor defenderia que não é possível ministrar uma aula sobre meio ambiente durante uma enchente regional sem pautá-la diretamente, sem pensar quantos alunos não puderam comparecer à atividade devido a tal evento. Mais sentido faria, que alunos e professores refletissem acerca da poluição dos mares e rios e propusessem uma ação para pressionar as autoridades competentes à criação de medidas preventivas. É possível observar que a educação, em Paulo Freire, precisa ser caminho para tornar os indivíduos *sujeitos da história*, ou estará vazia de sentido.

Ao fim da obra refleti junto como autor sobre as relações entre professor-aluno na perspectiva da autoridade/liberdade que se relacionam com os conceitos de legitimidade e autonomia. Segundo ele, para exercer autoridade é preciso legitimidade. Pensei em legitimidade apoiada em WEBER (2001), que conceitua alguns tipos de dominação legítima e entre eles está a dominação carismática, que tem como forma de legitimação a qualidade do líder. Para Freire, a melhor forma de um docente adquirir legitimidade e com ela exercer sua autoridade é respeitando a autonomia do educando. Incentivando e inserindo nas atividades as curiosidades dos alunos, compreendendo e aprendendo suas realidades materiais para, assim, tornar a construção de saberes em sala de aula palpáveis e úteis fora dela também, através do exemplo coerente. É dever do docente pesquisar, praticar e alinhar sua pesquisa e prática com seu discurso não apenas falado, mas executado, pois se discursa também através da ação. A inovação também é fator fundamental: não pode o professor desejar ser respeitado se a cada semestre realiza as mesmas atividades com turmas

completamente diferentes. Para isso, mais uma vez, a pesquisa serve como ferramenta: pesquisar a turma, pesquisar e criar novas metodologias que se adequem à turma. Dessa forma conquista respeito e admiração por parte dos discentes; respeitando suas autonomias e individualidades, consegue conduzir e construir boas práticas educativas.

4. CONCLUSÕES

As reflexões geradas a partir das leituras das obras de Paulo Freire sempre se convertem em inspiração. Enquanto docente em formação, inovo meu interesse pelas práticas educativas, me aproximo cada vez mais do que significa ser professora e me percebo mais epistemologicamente curiosa. Me dedico redobradamente às pesquisas na área das Ciências Sociais, bem como no âmbito das disciplinas voltadas especificamente à educação. No que tange à educação no âmbito da Universidade Federal de Pelotas, trabalhar com esta obra nos cursos de graduação em licenciatura é indiscutivelmente indispensável. Mas, também, foi possível observar que ela pode servir como material para a formação continuada de professores da própria universidade. Se o processo de leitura, releitura e fichamento da obra me possibilitou compreensões diversas e novas em cada uma das vezes em que me relacionei com o texto, o mesmo pode se dar com qualquer pessoa, ainda que já familiarizada há muito tempo com a obra. E aqueles que com ele nunca tiveram contato, tem o dever de fazê-lo elucidado dentro das quatro linhas deste material: ele gera motivação, torna a docência apresentada irrecusável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais Parte 2**. São Paulo: Cortez, 2001.